



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Debatendo os diferentes discursos presentes na obra *Reino do Amanhã* (1996)

Felipe Raul Rachelle¹

Resumo: Este texto surge como fruto de uma série de debates acerca da compreensão de como pensamos e como utilizamos a ferramenta de análise de discursos na historiografia, e quais são suas aplicabilidades práticas com relação a uma fonte histórica, no caso aqui específico, uma história em quadrinhos. A história selecionada foi a obra *Reino do Amanhã*, escrita por Mark Waid e ilustrada por Alex Ross, publicada originalmente no ano de 1996. A obra se tornou um clássico dos quadrinhos de super-herói, causando um impacto significativo nas produções posteriores, sendo constantemente rebuscada e rediscutida. Ao analisarmos a obra e os discursos proferidos por suas personagens, através dos olhares de seus autores, podemos identificar, problematizar e trazer a luz do debate diferentes questões, que questionam a própria indústria dos quadrinhos, e o momento político durante o qual a obra foi publicada, pensando em questões práticas e existenciais da obra e de seus autores. Para além dos métodos, é necessário compreendermos como a obra é pensada enquanto fonte, e de como suas análises através da análise de discurso contribuem para o conhecimento histórico.

Palavras-chave: Quadrinhos; História; Análise do Discurso.

Debating the different speeches present in the work *Reino do Amanhã* (1996)

Abstract: This text appears as the result of a series of debates about understanding how we think and how we use the tool of discourse analysis in historiography, and what its practical applicability is in relation to a historical source, in this specific case, a comicbook. The story selected was the work *Kingdom Come*, written by Mark Waid and illustrated by Alex Ross, originally published in 1996. The work became a classic of superhero comics, causing a significant impact on subsequent productions, being constantly far-fetched and re-discussed. By analyzing the work and the speeches given by its characters, through the eyes of its authors, we can identify, problematize and bring to light the debate of different issues, which question the comics industry itself, and the political moment during which the work was published, thinking about practical and existential issues of the work and its authors. In addition to the methods, it is necessary to understand how the work is thought of as a source, and how its analyzes through discourse analysis contribute to historical knowledge.

Keywords: Comics; History; Discourse Analysis.

A análise de discurso é uma das várias ferramentas de trabalho presente dentro do campo de produção do conhecimento histórico. Ao analisarmos diferentes perspectivas dos discursos apresentadas, como por exemplo, sobre o que ele trata, por quem ele é feito, para quem é direcionado, ou ainda com quais intenções ele é produzido, podemos articular uma série de debates acerca dos contextos, das falas e das temáticas envolvidas. Essa metodologia apresentou diferentes orientações ao longo das décadas, mas seus debates se intensificaram pelos meios acadêmicos desde meados do século XX, passando pelo século XXI. A análise de discurso é um dos métodos da história, pensando em diferentes nuances de estruturação dos textos e contextos presentes nos trabalhos realizados pelos historiadores, e de que maneira tais discursos podem ser pensados enquanto elementos formadores de diferentes sociedades, grupos, e momentos históricos.

Diferentes intelectuais ao longo dos anos, como Michel Foucault, Noam Chomsky, Umberto Eco, Michel Pêcheux, dentre outros, produziram trabalhos voltados a pensar a análise de discurso, por diferentes óticas.^{II} Esses trabalhos contribuíram de forma direta para os historiadores que se adentraram ao campo da análise de discursos, principalmente na segunda metade do século XX. As análises de discurso passam por compreender que existem diferentes elementos formadores dentro do discurso, além de como devemos executar essa análise sobre eles. Existe a questão da linguística, existe a questão da ideologia, existe a teoria do discurso, existem os sujeitos, envolvidos diretamente ou não pelo discurso, existem os silêncios que entrelaçam os discursos, ou seja, são vários eixos que guiam o olhar e as análises sobre os discursos produzidos, pensando neles como um processo, como algo em movimento, como uma formação sócio-histórica.

Nesse sentido, é interessante fundamentarmos alguns desses eixos de compreensão da ideia de discurso, como por exemplo o materialismo histórico, teoria que define as formações sociais e suas transformações, incluindo-se aí nesse espectro a teoria das ideologias, ou ainda a própria linguística, que seria a teoria da determinação histórica dos processos semânticos, e a própria teoria do discurso, que analisa não apenas as falas em si, mas os construtos e eixos que as compõem e as permeiam. Perceber algumas regras sobre o discurso, como por exemplo, de que nem tudo está óbvio, ou ainda de identificar os sujeitos presentes no discurso (locutores e interlocutores, além dos comentadores), ou ainda buscar as ideologias presentes nos discursos, são ferramentas indispensáveis na produção das análises sobre os discursos.

É interessante pensarmos em como alguns conceitos, como o próprio conceito de ideologia, são determinantes para pensarmos os discursos, e geralmente estão conectados. Terry Eagleton, intelectual inglês, propõe uma análise sobre o termo em seu texto *Ideologia – Uma introdução*, justamente no sentido de perceber como o termo ideologia está presente em nossa sociedade, e simultaneamente, se encontra no nosso conhecimento corriqueiro sobre o mundo.^{III} Ele aponta que uma das possíveis definições para o conceito de ideologia como sendo um “processo material geral de produção de ideias, crenças e valores na vida social”^{IV}. Ao passo que ele pluraliza o debate, expõe através de críticas essas construções sobre ideologia, Eagleton constrói essa percepção sobre a construção dos discursos estar atrelada a ideologia dominante de seu determinado período histórico, rebuscando uma série de conceitos e ideias já apontadas por Marx, pontuando que a ideologia de uma época é aquela da classe dominante, percebendo simultaneamente que a classe dominada não está inerte ao processo, e que existem diferentes formas de condicionamentos que estabelecem essas relações, como a coerção e o consenso, por exemplo.

Essas relações são exploradas de forma veemente pelos estudiosos de análise de discurso, explorando diferentes amplitudes e impactos dessa ideologia dominante sobre os

meios de produção de discurso, bem como as reações provocadas pela classe dominada e suas ações frente à essa ideologia e a esse discurso dominante. Uma situação interessante nesse sentido é pensar por exemplo nos discursos produzidos durante regimes ditatoriais, como no caso do Brasil, entre os anos de 1964 e 1984, por exemplo. Existem diferentes análises sobre o golpe de 1964 ou, por alguns chamada, a revolução de 1964, que são narrativas produzidas por diferentes grupos sobre um mesmo acontecimento. É importante pensarmos como as relações sociais impactam essas construções sobre as análises de discurso, e no exemplo aqui pensado, podemos pensar em como grupos como os próprios militares e camadas mais ricas da população, como donos de bancos por exemplo, reforçam a ideia de revolução, ou de que ainda não existiu ditadura no Brasil.^V

Apesar de a história apresentar diferentes perspectivas dentro de suas linhas de construção, enquanto uma disciplina, enquanto um campo do conhecimento, como por exemplo a história social, a história cultural, a história econômica, e assim por diante, debater diferentes olhares sobre um mesmo assunto não é algo incomum, inclusive é muito bem-quisto no sentido de ampliarmos nossas concepções e construções dentro das perspectivas históricas. O grande problema aparece com esses novos construtos revisionistas da história, que ora são feitos por historiadores com um método definido, e ora são produzidos por intelectuais de outros campos, como jornalistas, cientistas sociais, distantes do método rigoroso no qual a escrita da história está alicerçada, de pesquisa, de análise de fonte e de debate, alterando informações e/ou fatos importantes visando torcê-los para fazê-los caber dentro de um conceito, ou dentro de uma ideologia, distante de seu construto original, ou que dialogue com alguma de suas vontades ou necessidades.

Ao alterar o termo “golpe” para “revolução”, existe toda uma conotação em atribuir ao golpe cívico militar e empresarial de 1964 um caráter salvador, buscando livrar o país dos comunistas, ou ainda de necessidade, pois era preciso impedir a reforma agrária que viria com o governo em questão, ou então de distanciá-los do que ele foi, um golpe de estado de fato.^{VI} Essa dobra do discurso, essa disputa de sentido, também pode ser compreendida como um deslocamento discursivo, com a própria ditadura brasileira se intitulado enquanto revolucionária, que se solidifica através de algumas práticas, como por exemplo, das repetições do termo “revolução”, o uso escuso de termos específicos, diminuindo ou relativizando ideias, as noções de associação entre conceitos e termos, por exemplo, explorar supostas conexões entre fascismo e socialismo e afirmar que são a mesma coisa, buscar um elemento externo como ameaça, no caso, a União Soviética e seu regime comunista, entre outras possibilidades.

É justamente nesse sentido que pensamos em como essas relações sociais afetam diretamente a produção de discursos, de ideologias e de verdades. Se um banco, em pleno século XXI, ainda se pretende a defender o golpe protagonizado por militares no país em 1964, que culminou em praticamente duas décadas de ditadura, prisões ilegais, sequestros, torturas e assassinatos, além de uma outra vasta margem de crimes cometidos pelos governos militares, alegando que a data do golpe deveria ser celebrada, faz-se necessário pensarmos em como os usos dos discursos estão sendo feitos por diferentes camadas sociais, e como eles são subvertidos aos seus interesses. Existem pessoas, grupos de indivíduos, pertencentes a um determinado alinhamento ideológico, com determinadas ideias e anseios, e pertencentes ainda a uma determinada classe social, que apontam e orientam determinados discursos sobre determinados temas.

Neste sentido, a fonte aqui selecionada para esse trabalho dialoga com as discussões aqui propostas, no sentido de perceber como os discursos acabam por serem articulados respondendo a interesses específicos de determinados grupos. Em *O reino do Amanhã*,

quadrinho escrito por Mark Waid e ilustrado por Alex Ross em 1996, publicado pela editora estadunidense DC Comics, e publicada no Brasil no mesmo ano^{VII}, temos uma série de ícones do gênero de super-heróis postos a prova, haja visto que a trama se passa num futuro distópico em que grande parte dos heróis e protetores da Terra se encontram aposentados, sendo forçados a voltar à ação por uma série de acontecimentos, envolvendo heróis mais jovens cometendo crimes, grandes corporações agindo na tomada de controle das leis e do próprio governo, e como um lembrete para a própria sociedade dos valores da velha guarda heroica, se sobrepondo a uma juventude rebelde e autodestrutiva. Mais do que isso, os heróis clássicos retornam num momento em que essas grandes corporações tentam implantar um controle mais efetivo sobre o planeta e tentam guiar de forma mais direcionada o futuro da humanidade, ignorando uma série de processos democráticos e questões sociais no caminho.

O interesse por trazer uma fonte como um quadrinho para dentro dos meios acadêmicos também passa justamente por compreender suas convenções sociais e pelos meios nos quais circula e possui influência. Uma mídia que está em circulação desde fins do século XIX em nossa sociedade, e que possui diferentes construtos, interpretações e veiculações, também carrega em si, segundo Cirne (1982), “uma série de embates filosóficos, ideológicos e políticos pertinentes a nossa contemporaneidade”.^{VIII} Mais do que isso, o autor elucida que os quadrinhos se tornaram ferramentas nas mãos de seus autores no sentido de edificarem discursos e pensamentos, transformando de maneira efetiva suas obras em objetos de construção histórica e social.

É importante ressaltar ainda que as décadas de 1970 e de 1980 definem uma série de marcos nas produções de quadrinhos de super-heróis. Segundo Rachele (2019), existe uma grande movimentação de mercado para suprir novas demandas do público consumidor, e estabelecer novos formatos de quadrinhos que dialoguem mais com esse público mais adulto e mais maduro, que anseia por histórias com enredos mais complexos. Com isso, o autor aponta que

Quando as editoras optaram por traçar uma linha entre os *comics*^X, que acabariam sendo direcionados mais para crianças e adolescentes, e os novos moldes de revistas conhecidos como *graphic novels*^X, produções destinadas para adultos, com um melhor acabamento, e de caráter mais artístico e conceitual, houve uma grande mudança no rumo dessas produções. Diversos autores, como Frank Miller, Dave Gibbons, Alan Moore, Neil Gaiman, o próprio Grant Morrison e outros, começaram a trazer para suas histórias elementos com uma complexidade psicológica e outras temáticas sociais de maior relevância, que até então apareciam apenas em HQs fora dos grandes eixos de circulação.^{XI}

Essa nova roupagem proposta por autores e editoras auxiliou na afirmação dos quadrinhos enquanto um movimento artístico e cultural cada vez mais sólido. Nesses processos, autores, ilustradores e editoras criaram e disputaram espaços dentro das mídias culturais e sociais, e essas movimentações despertaram cada vez mais o interesse dos meios acadêmicos em compreender essa vasta onda de produções de quadrinhos, principalmente os de super-heróis, que chegavam aos cinemas, às telas de TV, e a outros periódicos, como jornais e revistas.^{XII}

Com isso, chegamos à década de 1990, onde os quadrinhos acabam entrando num declínio comercial. Com a ascensão da internet, dos videogames, os quadrinhos passam a circular menos entre as populações mais jovens, principalmente nos EUA, e isso afeta

diretamente sua produção, ao lado de histórias cada vez mais desconexas e distantes da realidade de muitos dos leitores dessas obras.^{XIII} Apesar da crise enfrentada pelos quadrinhos durante a década de 1990, *Reino do amanhã* acabou escapando dessa leva de histórias que ficaram esquecidas, e se tornou um clássico das histórias de super-heróis.

Nela, acompanhamos os eventos sob a perspectiva de Norman McCay, um pastor presbiteriano que está em conflito com sua fé, está lidando com a morte de um amigo, e é escolhido e guiado pelo Espectro, personagem que lembra muito um espírito do ceifador, ou a própria morte, com uma série de citações bíblicas, referências ao livro do Apocalipse, conduzindo o pastor pelos diversos acontecimentos dentro da história. Quando o Coringa, vilão do Batman, realiza um atentado e tira a vida de todos os funcionários do Planeta Diário, jornal onde Clark Kent e sua esposa, Lois Lane trabalhavam (exceto, lógico, Clark Kent), Magog, um herói em ascensão, conhecido por ser muito agressivo e violento, e o próprio Superman, saem a busca do vilão. Por puro acaso, Magog encontra o Coringa segundos antes do Superman, e assassina o palhaço do crime. Magog é julgado, contudo é absolvido pela vontade da população e pelo clamor popular de suas ações contra a criminalidade. Superman fica desolado com essa manifestação popular em defesa de um assassino, considera que a humanidade não mais precisa dele, e se aposenta, indo morar em sua fazenda no interior do Kansas. Com essa atitude, vários heróis optam por seguir caminhos semelhantes e vão desaparecendo aos poucos.

Vários anos mais tarde, um grupo formado por Magog e um grupo de heróis que seguem os preceitos dele perseguem um vilão conhecido como Parasita no Kansas. O Parasita, num golpe durante o embate, rasga o peito do Capitão Átomo e este explode, liberando toda sua radiação quântica numa detonação nuclear, varrendo do mapa diversas cidades próximas, matando milhares de pessoas num acidente nuclear de proporções catastróficas. Magog sobrevive, devido à invulnerabilidade, e Superman retoma então sua função heroica, e encontra o mundo povoado por heróis sem virtudes, inundado por super seres que não se importam mais com os humanos e só se preocupam em lutar, sem saber ao certo por que lutam, que gastam seu tempo unicamente em embates uns com os outros, pouco se preocupando em proteger os cidadãos comuns, ou carregar quaisquer valores consigo e serem exemplos para a sociedade.

DEBATENDO OS DIFERENTES DISCURSOS PRESENTES NA OBRA *REINO DO AMANHÃ* (1996)
RACHELLE, F. R.

Imagem 1. Excerto da obra *Reino do Amanhã*.



Fonte: *Reino do Amanhã*. São Paulo, Panini Comics, 2022, p. 63.

A história acompanha a reconstrução do ideal de ser um super-herói, de como eles devem se portar e do que representam frente à humanidade. Nesse sentido, esse retorno do Superman o coloca em rota de colisão com políticos, donos de grandes empresas, líderes religiosos e diversas pessoas que já estavam habituadas ou eram coniventes com os comportamentos dessa nova geração de heróis, que estava mais próxima de um esquadrão da morte do que propriamente de serem heróis de fato. Os autores da obra se utilizam muito de referências a obras e pinturas clássicas, uma arte diferente dos quadrinhos convencionais, e buscam relacionar sempre os heróis a eventos de porte e magnitude globais, reforçando que eles representam quase que um panteão de deuses que guiam a humanidade para um futuro melhor, e se necessário, se sacrificam por ela.

Dentro da obra, em diferentes momentos, vemos diferentes posturas e posicionamentos sendo colocados, que vão desde a figura do pastor Norman McCay que narra a história, com um discurso pautado em muito nos preceitos judaico-cristãos, buscando conciliar seus questionamentos com as necessidades de um mundo melhor, ou ainda do Espectro, que faz um

papel de promotor e de juiz, ponderando e apontando diferentes perspectivas na construção do mundo e na importância de se considerar diferentes lados de uma mesma história. O próprio Superman, quando retorna, demarca um espaço quase que de um messias para a sociedade estadunidense, com os heróis mais antigos abraçando seu exemplo e retornando para auxiliá-lo na missão de reconstruir esse ideal heroico, proferindo discursos de ordem, honra, respeito, e de qual é o real sentido em ser um herói nesse novo mundo.

Existem ainda algumas corporações, apresentadas com um grupo de empresários, liderados por homens como Bruce Wayne, identidade não mais secreta do Batman, que controla Gotham City com robôs assassinos que prendem e executam criminosos, quase que como uma milícia, e Lex Luthor, eterno inimigo do Superman, que se coloca enquanto um líder corporativo, que através de políticas empresariais e investimentos em projetos de energia renovável, quer demonstrar que o mundo não precisa mais dessas figuras heroicas, apesar de manter o herói Shazam como seu mordomo e escravo, através de uma tecnologia de controle cerebral. É importante frisar que a maioria da humanidade compra esses discursos proferidos por esses empresários e bilionários dentro da obra, e colabora inclusive com o aumento do armamento e com o uso de tecnologias para se defender desses novos heróis, por conta da ameaça que representavam por conta da irresponsabilidade com a qual utilizavam de seus poderes.

Esses discursos espalham pela obra diferentes abordagens sobre as preocupações sociais envolvidas na história. Enquanto os heróis mais jovens dialogam com uma juventude agressiva, violenta, que ignora as preocupações com relação ao futuro do planeta, os heróis mais velhos dialogam com um ideal que precisa ser rebuscado porque é melhor e mais funcional que esse novo, que acaba sendo responsabilizado por toda uma série de tragédias que se desenrolam ao longo do quadrinho. Essas relações exploram uma mitificação sobre as figuras dos heróis, que

[...] lidam com transcendência, com uma ânsia de poder em termos de potência, do desejo de ser mais, que se reflete na presença de superpoderes ou ainda na personificação de ideias de moralidade, que se expressa na iconografia do herói.^{XIV}

Mark Waid, no mesmo sentido que explora as figuras heroicas de forma mais messiânica, retrata de forma bastante vilanesca as grandes corporações na obra, aliadas a forma como grandes empresários, nisso incluso o próprio Batman, podem ser prejudiciais para as noções de liberdade e democracia que temos na sociedade. O autor explora elementos incômodos na sociedade estadunidense, e os apresenta em sua obra, debatendo políticas públicas como o armamento, o cerceamento de liberdades e direitos individuais, e as crises externas nas quais os EUA se envolveu, principalmente no pós-guerra do Vietnã, com as chamadas políticas intervencionistas. Mark Waid inclusive, foi um dos grandes críticos de Donald Trump, ex-presidente dos EUA, participando ativamente das últimas eleições estadunidenses, apontando que os EUA estavam “à beira do fascismo e de um período muito sombrio e feio”, e que era necessário “sair e votar para nos certificarmos que o tirano que esteve no poder nos últimos quatro anos saia.”^{XV} O autor, ainda na época de publicação de sua obra durante a segunda metade da década de 1990, procurava explorar em sua obra diferentes perspectivas, e de como diferentes discursos se encontravam no campo de embate de ideias naquele período.

Reino do amanhã lida com uma série de idas e vindas dos heróis, que respondem por uma velha guarda de ideais, que se confronta com o novo, e precisa buscar em si mesma uma

solução para os novos problemas, se adaptando, tentando dialogar com o novo. A mensagem da obra é a de que a melhor resposta possível que podemos dar à inevitável marcha do progresso, que nos trouxe a esse momento da história da civilização, é encontrar um caminho para encarar esse progresso com responsabilidade.

Esse discurso passa justamente pelo período de produção da fonte, durante a década de 1990 e os avanços tecnológicos e da própria globalização. Como os quadrinhos de herói, em crise, sobreviveriam a esse período de transição e chegariam ao novo milênio? Alex Ross e Mark Waid foram inspirados pela insatisfação com o que estava sendo feito com os super-heróis, cada vez mais distantes do que deveriam ser e representar^{XVI}. A história nasceu do desgosto com uma indústria que enxergava universos e personagens tão ricos como uma simples moda lucrativa. Um momento em que a criatividade e o cuidado com as histórias importavam menos do que o número de publicações e bonequinhos disponíveis para a compra.

Simultaneamente a esse movimento de crise, a transição entre a década de 1990 e o início dos anos 2000 marcam uma espécie de renascimento para os quadrinhos de heróis. A Marvel vendeu boa parte de suas concessões de personagens para estúdios de cinema, e emplacou vários sucessos, como o primeiro filme dos X-Men, do ano 2000, dirigido por Bryan Singer, e o primeiro filme do Homem Aranha, do diretor Sam Raimi, do ano de 2002, que renderam cifras milionárias para a marca, além de uma retomada de interesse por parte do público nos quadrinhos.^{XVII} É interessante percebermos como as grandes indústrias voltaram a demonstrar interesse numa mídia que estava em declínio, menos de 10 anos antes, principalmente como forma de dialogar com públicos mais jovens que voltaram a consumir quadrinhos, e continuaram sendo uma ferramenta de propagação de ideias e ideais.

O início dos anos 2000 ficou muito marcado por conta dos atentados de 11 de setembro em Nova York, e todas as incursões que se seguiram no Oriente Médio, com muitas mortes e violência por parte dos estadunidenses. Os quadrinhos desse período abraçam o discurso antiterrorista, trazem vilões de origem árabe, e defendem os interesses dos EUA frente ao mundo capitalista do novo milênio. Contudo, existem uma gama de autores e desenhistas, que dentro de suas obras, exploram também as progressões que acompanham esse novo milênio, principalmente nos quadrinhos e obras que são produzidos ao longo do século XXI, trazendo cada vez mais diversidade e inclusão no universo dos quadrinhos de heróis.

Por isso, é interessante pensarmos na análise de discurso como uma ferramenta muito útil nessa compreensão de interesses do mercado dos quadrinhos, e de como os discursos podem ser subvertidos a interesses maiores, pensando nos debates que apresentam a ideologia como uma inversão de valores, de ideias, ou de conceitos. Quando falamos de inclusão, de trazer personagens com origens latinas ou africanas, ou que sejam pertencentes a comunidade LGBTQIAP+, não se trata única e exclusivamente de inclusão, mas de expansão de mercado, de criticar o conservadorismo, de trazer notoriedade e polêmica para as manchetes que vão abordar as histórias. Os quadrinhos estão permeados de discursos, e os do nicho de super-heróis trazem isso com cada vez mais ênfase no século XXI, dialogando com variados aspectos de nossa contemporaneidade, questionando o status quo, e explorando a expansão desse gênero pelo planeta.

Notas

^I Professor doutorando em História pela UNIOESTE, mestre e graduado em História pela UNICENTRO, e pós-graduado em História pela UNICESUMAR. Membro dos grupos de pesquisa História e Linguagens: Pesquisa em Quadrinhos e Cinema (Instituto Federal Sul de Minas – Campus Inconfidentes) e História e Poder (UNIOESTE). Bolsista CAPES (DS).

^{II} Ora mais próximos da filosofia, ora mais próximos da psicologia e da psicanálise, ou ainda pensando através do viés do campo das artes, da comunicação e das produções culturais.

^{III} Ver EAGLETON, Terry. **Ideologia – Uma introdução**. Trad. de Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Edit. Da Universidade Estadual Paulista, Edit. Boitempo, 1997. P. 11-40.

^{IV} EAGLETON, 1997, p. 38.

^V O banco Itaú foi criticado publicamente no ano de 2014 por colocar a data do golpe de 1964 em seu calendário oficial como uma data a ser celebrada, sob o termo de “Revolução de 1964”, numa alusão à uma revolução que livrou o país do comunismo, chegando a recolher os exemplares dos calendários que foram impressos com essa expressão. Fonte: <https://nucleopiratininga.org.br/banco-itaui-recolhe-calendario-que-caracteriza-golpe-como-revolucao-de-64/> (Acesso em 05/01/2023).

^{VI} Para pensar de forma mais aprofundada como foram produzidos os discursos durante os governos militares no Brasil, ver INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1997.

^{VII} *Reino do Amanhã* foi publicada em cinco formatos diferentes no Brasil, sendo a primeira, pela Editora Abril em 1997, em quatro edições quinzenais. Em 1998, foi encadernada pela Editora Abril num volume único. Também foi encadernada pela Panini Comics, após esta adquirir os direitos de publicação da DC Comics no Brasil, no ano de 2004. A editora Panini republicou a história em uma 'edição definitiva', em 2013, contendo mais de trezentas páginas, incluindo diversos conteúdos extras. Seu último relançamento aconteceu 2022, também pela Panini Comics, compilando mais conteúdo extra, além de manuscritos do roteiro e esboços das artes dos personagens. Fonte: ROSS, Alex; WAID, Mark. **Reino do amanhã**. São Paulo: Panini Comics, 1ª Ed., 2022. 360 p.

^{VIII} CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Angra/Achiamé, 1982. P. 14.

^{IX} Tradução livre para cômico, que é o termo utilizado para tratar de quadrinhos norte-americanos de modo mais generalizante. No Brasil, o termo que se popularizou foi “gibi”, tendo sido apropriado de uma das primeiras revistas a publicar HQs no país. KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis: a história dos super-heróis das revistas em quadrinhos**. São Paulo: Cultrix, 2008.

^X Tradução livre para novelas gráficas ou romances gráficos. Foi um termo que apareceu pela primeira vez nos trabalhos de Richard Kyle, e que foi popularizado por Will Eisner, para definir essas produções. GRAVETT, Paul. **Graphic novels: everthing you need to know**. London and New York: Harper Collins, 2005.

^{XI} RACHELLE, Felipe Raul. **O asilo e a loucura como representações em Batman: Asilo Arkham e o sério mundo de Grant Morrison**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UNICENTRO, Paraná. P. 13.

^{XII} Existem obras significativas para o cinema de super-heróis sendo produzidas dentro dessa década, como os filmes do *Superman* estrelados por Christopher Reeves, o primeiro *Batman* dirigido por Tim Burton, e outros nomes como *He-Man e os mestres do universo* de 1987, e *Flash Gordon* de 1980, por exemplo. Fonte: KNOWLES, Christopher. **Nossos deuses são super-heróis: a história dos super-heróis das revistas em quadrinhos**. São Paulo: Cultrix, 2008.

^{XIII} Existem vários arcos produzidos nos anos de 1990 que são criticados e alvos de piadas até os dias atuais, como *A saga do clone*, do Homem Aranha, ou ainda a saga *Massacre*, do grupo de heróis conhecido como X-Men. Autores como Rob Liefeld ficaram conhecidos por seus traços exagerados e distantes da qualidade das produções que encabeçaram o mercado nos anos de 1980, distanciando os quadrinhos do seu público consumidor. Para mais, ver HOWE, Sean. **Marvel Comics: A história secreta**. São Paulo: Editora Leya, 2013.

^{XIV} BECKO, Larissa. T., & REBLIN, Iuri A. (2019). Aspectos religiosos na adoração de super-heróis: olhares ao fã do gênero da superaventura. **TEOLITERARIA - Revista De Literaturas E Teologias**, 9(18), 171–197. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2019v9n18p171-197> (Acesso em 06/01/2024).

^{XV} Mark Waid debate ainda questões sobre a pandemia, as produções de super-heróis e seu papel social, e como a polarização política foi nociva para os EUA durante a década de 2010. Fonte: <https://www.omelete.com.br/banca-de-hqs/mark-waid-superman-herois-polarizacao> (Acesso em 06/01/2024).

^{XVI} Os autores fizeram parte de diferentes momentos das produções de quadrinhos, e com a crise das obras entre o fim da década de 1980, e início dos anos de 1990, havia um senso comum de recuperação dos quadrinhos de heróis,

produzindo obras mais maduras, com mensagens importantes, que deveriam remeter a tempos mais gloriosos dos quadrinhos. Fonte: MORRISON, Grant. **Superdeuses: Mutantes, alienígenas, vigilantes, justiceiros mascarados e o significado de ser humano na era dos super-heróis**. São Paulo: Edit. Seoman, 2012.

^{XVII} A Marvel retomou seu caminho lucrativo ao longo dos anos 2000, lançando diversos filmes em grandes estúdios de cinema como a Fox, a Sony, e posteriormente, fazendo um projeto em conjunto com os estúdios Disney e criando seu próprio universo cinematográfico. Para mais, ver KNOWLES, Christopher. **Nossos Deuses São Super-Heróis: a história dos super-heróis das revistas em quadrinhos**. São Paulo: Cultrix, 2008.

Fonte

ROSS, Alex; WAID, Mark. **Reino do amanhã**. São Paulo: Panini Comics, 1ª Ed., 2022. 336 p.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural**. Trad. Julia Elisabeth Levy. 10º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

BECKO, Larissa. T., & REBLIN, Iuri A. (2019). Aspectos religiosos na adoração de super-heróis: olhares ao fã do gênero da superaventura. **TEOLITERARIA - Revista De Literaturas E Teologias**, 9(18), 171–197. <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2019v9n18p171-197> (Acesso em 06/01/2024).

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Trad. De Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 10. Ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Angra/Achiamé, 1982.

CHOMSKY, Noam. **Arquitetura da linguagem**. Tradução de Alexandre Morales e Rafael Ferreira Coelho. Bauru: Edusc, 2008.

EAGLETON, Terry. **Ideologia – Uma introdução**. Trad. de Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Edit. Da Universidade Estadual Paulista, Edit. Boitempo, 1997. P. 11-40.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Cóllege de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GRANDE NETO, Rodolfo. **Manifestações políticas na obra “O Cavaleiro das Trevas” de Frank Miller**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UNICENTRO, Paraná.

GRAVETT, Paul. **Graphic novels: everything you need to know.** London/New York: Harper Collins, 2005.

HOBBSAWN, Eric J. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOWE, Sean. **Marvel Comics: A história secreta.** São Paulo: Editora Leya, 2013.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes.** Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1997.

KELLNER, Douglas. **A Cultura de Mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Bauru: EDUSC, 2001.

KRÜGER, Felipe Radünz; LOPES FILHO, Artur Rodrigo Itaquí; MARCELLO NETO, Mario. **Alan Moore e a história.** Porto Alegre: Dokan Editora, 2023.

KNOWLES, Christopher. **Nossos Deuses São Super-Heróis: a história dos super-heróis das revistas em quadrinhos.** São Paulo: Cultrix, 2008.

KR MORRISON, Grant. **Superdeuses: Mutantes, alienígenas, vigilantes, justiceiros mascarados e o significado de ser humano na era dos super-heróis.** São Paulo: Edit. Seoman, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de. **A humanização da arte: temas e controvérsias na filosofia.** Rio de Janeiro: Pinakothek, 2006.

PEDROSO, Rodrigo Aparecido de Araújo. **Estados Distópicos da América: o futuro dos EUA nas histórias em quadrinhos (1983-1999).** Curitiba-PR: CRV, 2023.

RACHELLE, Felipe Raul. **O asilo e a loucura como representações em Batman: Asilo Arkham e o sério mundo de Grant Morrison.** 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UNICENTRO, Paraná.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Os meios de comunicação e as políticas de memória e esquecimento. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FILHO, João Freire; PAIVA, Raquel (Orgs). **Mídia e poder: ideologia, discurso e subjetividade.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 187–204.

RODRIGUES, Márcio dos Santos. **Representações da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore.** 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.

SINGER, Marc. **Grant Morrison: Combining the Worlds of Contemporary Comics.** University Press of Mississippi, 2011.

DEBATENDO OS DIFERENTES DISCURSOS PRESENTES NA OBRA *REINO DO
AMANHÃ* (1996)
RACHELLE, F. R.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1987